Entrevista Marcos* – Parte 2

P = Pesquisador

E = Entrevistado

*pseudônimo

P - Qual a tua experiência, enquanto você atuava na polícia, com movimentos sociais?

E - Bom, já contanto que eu me aposentei em 2015. Então, mas ainda acompanho os colegas, tudo. A gente tem bastante contato. E aí tive... vamos pegar do início da carreira então. Fazer uma cronologia. E aí tive muito contato com movimentos sociais. Depois talvez um pouco menos. E aí em Porto Alegre algumas vezes só, mas muito setorizado. Não grandes movimentos e tal assim em termos de contato de trabalho policial. Eu em 88 saí da academia, em 89 fui trabalhar na região noroeste do estado. Fui trabalhar em Três Passos. E aí aquela região toda, na época, tinha várias atuações com o MST. Então eu trabalhei a desocupação famosa da fazenda Santa Elmira. Eu trabalhei. Então aí sim. Esse eu tenho... e aí eu trabalhei em Palmeiras das Missões. E aí várias vezes também tive assim... contato como policial, comandando policiais, com o movimento sem terra, o movimento campesino. E aí tinha vários segmentos desses. Até hoje alguns tem ainda, alguns se fundiram e tal. E sim, essa é a experiência. E aí eu volto para contar mais especificamente. Deixa eu fazer uma memória. E aí trabalhei com o pessoal lá em Cruz Alta. Também trabalhei várias vezes. Boa vista do Incra com ocupações de terra. Em Palmeira das Missões. Região de Três Passos algumas vezes, em Passo Fundo, que teve a desocupação da fazenda Santa Elmira. Não sei se conceitualmente se considera movimento social, mas na região trabalhei muito com indígenas também. Então Iraí várias vezes, Tenente Portela. Iraí tem um... não sei se você conhece lá... Iraí é uma cidade pequena, fronteira com Santa Catarina quase, onde tem águas termais e tal. E tem uma faixa... uma aeroporto muito pequeno. Asfaltado até, mas é muito pequeno. É um campo de pouso na verdade. Só que foi construído dentro de uma terra que era um disputa se era uma terra indígena ou não. E acabou sendo fixada, se eu não me engano, como terra indígena. Então os índios daquela região, quando tinha algo a reivindicar, eles ocupavam aquela pista de pouso. E a gente trabalhava lá. Então lá eu trabalhei repetidas vezes. Trabalhei várias vezes então. São esses segmentos mais assim que eu me lembro. E as manifestações mais corriqueiras que antes até eram mais... talvez até... mas aí era mais reunião de população do que propriamente movimentos sociais. Primeiro de meio ou alguma reivindicação dos professores ou alguma coisa assim. E aí assim, mas eu também não sei se isso conceitualmente se encaixa em algum movimento social específico.

P - São eventos de protesto.

E - São eventos de protesto. Aí sim. Trabalhei em alguns, mas aí nunca... mas em... no trabalho com... naquela época... vamos pegar aí... 89, 90... que foi... ali entre 90, 96... naquela região... aí era um trabalho bem denso e bem tenso, bastante. Tinha uso de gás lacrimogêneo, uso de coisas assim, enfretamentos tudo. Com o meu pessoal que eu comandava eu não cheguei a ter grandes enfrentamentos diretos. Tive poucos assim. Alguns ferimentos leves, alguma coisa assim, mas não diretamente. Mas presenciei. Atuamos em ambientes bem... como eu vou te dizer... bastante confrontados. O pessoal que... chegou a ter feridos, policiais feridos, manifestantes feridos até com

alguma gravidade e tal. Aquela coisa. Aí não sei. A gente pode explorar depois melhor, com mais detalhes, sobre isso. Depois em Porto Alegre, aí eu trabalhei com ensino um bom tempo. E aí também a gente só trabalhava com... o pessoal que está fazendo curso opera como tropa reserva. Então, quer dizer... eu trabalhei em algumas manifestações, como eleições, alguma coisa assim, futebol bastante, mas só como assim... como reserva no ensino. Em 2014, 2013, aí sim eu trabalhei na Zona Sul de Porto Alegre, mas ali eu não cheguei a pegar... eu trabalhei quase um ano ali. Não cheguei a pegar nenhuma manifestação... nenhum movimento social naquele período e tal. Não cheguei a pegar o período tenso das eleições, que foi aquela campanha, que foi bem tenso. Aí eu acompanhei os colegas e tal. Bastante via imprensa, mas não cheguei. E na Secretaria de Segurança também. Eu trabalhei num setor que era mais de trabalho investigativo e de combate à corrupção. Então não chegava a atuar no campo, direto. Então atuei como... Não sei se você quer algum detalhe lá daquele período...

P - Na verdade agora especifica um pouco mais. Mas é basicamente isso. Então nessas situações em que você trabalhou mais proximamente da questão dos movimentos sociais... a tua função era... você era comandante?

E - Comandava... na época, como eu era tenente... a gente se formava... não era que nem hoje. Hoje já sai capitão direto. Mas a função era bem semelhante. A gente comandava pequenas frações de tropa que a gente chama. Então era 30, 40. Às vezes eu comandei com 40. Às vezes eram 60, 80 policiais para atuar nisso. Mas sempre atuava...dificilmente atuava... em Palmeiras das Missões eu cheguei a comandar frações que atuaram direto e sob meu comando. Daí sim. Mas em geral eram grande... por exemplo, fazenda Santa Elmira tinha mais de 600 policiais que eu me lembre. A gente pode pesquisar. Mas era muita gente. Então meu pessoal era no meio lá do fervo todo. Daí... mas em Palmeira das Missões sim. Aí já peguei 3 ou 4 vezes uma ocupação... 2 ocupações do Banco do Brasil do Movimento sem Terra e via campesina. E uma ocupação do INSS, na época, do mesmo pessoal. E acho que umas 3 ocupações de fazendas lá. E mais quando a gente recebia também... não tinha direto... mas às vezes a gente recebia informações. “Tem risco de chegar em tal lugar”. Alguma informação que tinha chegado e tal. Lá tinha... na época o governo era do PDT, se não me engano. E lá tinha vários componentes do governo. O Secretário de Cultura inclusive acho que era o Pinto... tinha terras lá. Então cada vez que... esses mesmos movimentos iam lá e invadiam a terra dela. Então aí tinha que fazer uma prevenção e tal. Às vezes não acontecia nada, mas já se fazia. E também lá naquela região... não sei se ainda tem... havia uma escola do MST na... em Palmeira das Missões. Havia uma escola aberta para eles aqui que também acabava nos demandando. “Olhem lá o que estão fazendo, vejam lá o que está acontecendo. Estão movimentando ônibus? Não estão?” Aí com pessoal de inteligência. Alguma coisa assim e tal. Mas no fundo, em cidade pequena, o pessoal da inteligência... é uma viatura discreta é conhecida. Os policiais são conhecidos. Então acaba sendo... cidade que nem Palmeira das Missões... Três Passos menor ainda. Então não tem muito o que...

P - E como é que se dava o planejamento para essas situações? Claro que depende da situação. Mas existia um protocolo?

E - Sim. Tinha sempre... deve haver ainda. Desde 2015 tinha. Certamente tem ainda. Tinha algumas normas já previstas. Por exemplo, tem o que a gente chama de Notas de Instrução já prevendo mobilizações, quando chama, de onde vai. Tem essas questões mais genéricas. E nos quarteis mesmo... Palmeira das Missões na época pertencia ao batalhão de Três Passos. Hoje é

independente. Havia um planejamento prévio possível. “Se acontecer isso, tem que acionar o pessoal de lá para vir até e tal”. Eu me lembro que nesse setor... mas era um planejamento que era muito... era um planejamento assim... você planejava para ter 50 pessoas... você tinha 30, 15. E aí ficava sempre... eu me lembro uma específica vez em que nós ficamos em 5 policiais. Era eu e mais... acho que 4... em frente ao Banco do Brasil. Não posso me esquecer disso. E tinha 400, 500 pessoas do Movimento Sem Terra com foice e com... muito agitados e decididos a invadir o banco. E aquilo fugiu completamente ao planejamento, porque nós tivemos que pedir reforço para Três Passos... que 100km, 105km. Eles vinha de caminhão na época, carregando com mais 30, 35 policiais na época que chegaram no meio. Então foi muito tenso. Mas os planejamentos eram assim: tinha uma previsão, e nós acabávamos tentando juntar aquela documentação que tinha com os eventos que tinha. Os recursos na época eram muito escassos. Muito escassos. Bom, para ter ideia: a gente usava revólver, não pistola. Uns com 5, 6 munições, alguns com 10. E talvez alguma espingarda calibre 12 sem munição de borracha, que hoje tem bastante, sem munição de gás. Às vezes com muito pouco. Às vezes ela estava vencida, era só para impressionar. A gente fazia isso. Largava ali as granadas vencidas e as granadas usadas para tentar uma intimidação e tal. E muita negociação. Em Palmeiras das Missões tinha um componente, que fugia do planejamento, que era: eu estudava direito na Faculdade de Ijuí, e muita gente do Movimento Sem Terra, hoje estão por aqui na CUT... Rosseto... alguns eles estudavam lá também. Então a gente tinha algum contato pessoal. E isso ajudava muito. Porque daí eles sabiam da minha posição. E sabiam que eu muito provavelmente não ia fazer algo muito truculento. E eu também contava com eles para controlar o pessoal, porque naquela época era muito mais acirrado talvez do que hoje. Muito forte, muito tenso mesmo. E a polícia também. Porque você não tinha muitos... assim... celular... não tinha muito jeito. Então era mais setorizada e armas e ficava nisso.

P - E você falou dessas NI... eu consigo ter acesso a essas normas de Instrução?

E - Eu acho que sim. Tenta contato com o pessoal do Estado Maior da Brigada, lá no QG. De repente acha na Internet, no site da Brigada lá, algum e-mail. Aí seria terceira seção, que é operações e treinamento. Algumas delas não têm informações reservadas, mas talvez algumas desse tipo tenham. Porque aí... “como nós vamos liberar uma informação sobre como vamos liberar tropas?” Então alguma coisa pode ser... mas outras não. Talvez alguma pessoa de lá da seção de operações possa te dar informações pessoais mesmo... uma entrevista, alguma coisa. Hoje o chefe de lá é o... que serviu em Três Passos casualmente nesse período. É o Marcos Vinícius de Souza Dutra. Então talvez ele possa te ajudar em alguma... é uma pessoa acessível... dizendo “podemos dizer alguma coisa, mas talvez o documento em si não”. Porque ai tem itinerários, horários e coisas que se usa para mobilizar o pessoal. Então... mas talvez tenha alguma coisa que eles possam... ver o protocolo para... com checklist tal. Isso talvez tenha. E talvez... deixa eu completar... talvez algum manual de curso também possa ajudar. Algum manual, que é mais aberto... possa ajudar.

P - E agora tratando mais da execução do que era planejado... você chegou a falar da negociação. Era basicamente essa... algumas pessoas me falam dessa questão da escala de força... enfim... como é?

E - Isso ainda se usa. Quase internacionalmente. Se usava muito pouco ainda a ideia de negociador. Assim com um treinamento específico de negociador. Isso começou talvez mais do final dos ano 90 para cá. Começaram a ser treinadas algumas pessoas como negociador, mas mais para situações de

refém, alguma coisa assim. E se segue ainda uma escala de força. De ascendente ou... Até ela mudou. Antes se usava a expressão... isso pode encontrar... eu não sei mais, porque o site da SENASP às vezes a gente entra e não tem mais. Mas ali os manuais de curso da SENASP eram livres ali. Você usava a expressão que era a UPF. Uso Progressivo da Força. Que era essa escala que você fala. A gente usava. Primeiro a negociação com voz. Depois uma tentativa e tal. Até chegar o uso mesmo de armas e prisões e gás e mais tropa e tal. Tinha uma escala. E hoje se usa a expressão... passou a se usar lá no ano 2000 e pouco... 2003, 2004... passou a se usar a expressão Uso Diferencial da Força, UDF. Existe livro sobre isso até escrito por policiais. Tem um que é.. eu não sei se é uso progressivo ou uso diferenciado. Mas era essa mudança aí. Porque às vezes não precisava a progressão. E às vezes você também não trabalhava assim. Você chegava a ter um nível de progressão, mas "bom, não está dando certo a conversa, não está fluindo, a negociação não está dando, não estão aceitando". Aí você avançava para uma intimidação. Ai daqui a pouco a intimidação funcionava, aí você voltava pra negociação. Então aí a gente dizia "não precisa progredir às vezes. Às vezes chega lá até o meio e volta". Exemplo: jogou uma granada de fumaça, e o pessoal se assustou um pouco, e resolveram negociar um pouco oral. Aí você volta. E aí esse protocolo foi mudando um pouco. E essa é a ideia. A escala era mais ou menos essa. Se falava voz, uso da voz, negociando... o certo seria com megafone, alguma coisa assim, mas em geral era no grito. Em geral... naquela época... hoje tem muito mais equipamento. Naquela época era no grito e tal. Aí a negociação voz, visual. E aí havendo os efeitos, o segundo passo era... se não fosse atendido e houvesse aproximação era uma intimidação com granadas se tivesse. Granadas eu falo em geral, mas pode ser outro tipo de produção de gás. Pode ser produção de gás com máquinas. Nós não tínhamos nada disso. Nós tínhamos só as granadas, e eram vencidas ainda. Mas progressão: era uso de gás... uso de gás primeiro com efeito moral, que a gente chama. Quer dizer o gás que não tem nenhum componente que afeta, mas tem fumaça. Alguns lugares tinham granada de luz e som, que a gente chamava. Que era muito eficiente. Mas nós não tínhamos lá. A ideia era progressão. As granadas de luz e som que se lançava ela tinha um espaço de arrebentamento e tinha um espaço de som muito alto. Era o efeito que dava. E uma produção de luz mesmo. Uma grande fogueira, uma faísca. E aquilo deixava todo mundo com flash. Então era um recurso. E avançando aí pro uso de munição... na época se chamava munição não letal. Hoje chama munição menos letal. A expressão foi mudando. Borracha. O cartucho de borracha ou com... munição com esferas... aquela calibre 12 com esferas de plástico, que atinge e tal. E aí para munição real e prisões até os enfrentamentos maiores. Havia uma recomendação para isso. Claro que a ideia era que nunca se precisasse chegar a tal. E até onde eu trabalhei já cheguei até o uso de munição de borracha. Com outros.. até o pessoal tinha. Mas já chegamos até ali. Mais do que isso... na fazenda Santa Elmira teve algumas pessoas... não dos meus comandados... mas que chegavam a usar munição real de pistola... de pistola na época não, mas de... algumas armas, como revólver, alguma coisa assim, mas que também houve tiros... recebemos também tiros. O pessoal usou... nessa operação da fazenda Santa Elmira teve aviões eu lançavam granadas para o pessoal sair ali de dentro do mato, porque é muito arriscado entrar no meio do mato. Acabaram entrando e tu. Mas eu acho que não resultou nenhuma morte. Resultou alguns feridos não tão graves. Com alguma lesão. Acho que mesmo depois não resultou nenhuma morte, nenhuma lesão com sequelas grandes. Que eu saiba.

P - Você consegue avaliar, dessa tua experiência, quais táticas você via como bem sucedidas e quais dificuldades eram encontradas?

E - Sim, mas é muito pessoal. Isso até a gente discutia muito entre os colegas. Alguns achavam... é muito difícil uma avaliação de uma operação dessas. Havia reuniões de avaliação depois. Mas era muitos confusas. Porque não era muito... havia um protocolo de avaliação de como aconteceu. Então... mais ou menos numérico... "resultou em tantos policiais feridos, tantos mortos, tantos manifestantes feridos, tantos mortos. Foi envolvido tantas ambulâncias mais numérico". Com a ideia de que a operação foi ou não... até que ponto tivemos que ceder. Mas nunca se chegava a uma avaliação muito unânime. Alguns colegas achavam que tinha... o que que ocorre? Primeiro eu vou responder a questão, na minha opinião, do que que funcionava melhor: a negociação... a habilidade mesmo de negociadores. Tanto que depois começou a se treinar negociadores. E isso mudou muito os rumos históricos. Depois teve até a questão do pessoal negociar em assaltos e tudo. Essa negociação era bastante eficiente. Mas variava muito os grupos. Por exemplo, você negociar com o Movimento Sem Terra... normalmente eles faziam uma assembleia entre eles e acabavam cumprindo aquilo que eles tinha decidido na assembleia. Se eles decidissem "não, nós vamos continuar aqui e não vamos sair". Se eles diziam "nós vamos entrar no banco", eles tentavam cumprir. Se eles dissessem assim: "nós concordamos em ir para outra área que vocês acharem para nós". E eles concordavam. Já com os índios, por exemplo, eles diziam uma coisa assim, você negociava, ok, e "então nós vamos sair daqui e ir para lá", e então eles voltavam. E aí a gente ficava assim "mas como? Eles disseram que sim, então não". Então era mais complicado a eficiência. Mas eu creio tranquilamente que a eficiência maior era a negociação mesmo cara a cara, que era bem complicado, mas acabava rendendo frutos. O confronto sempre acabava prevalecendo o lado do Estado. Por exemplo, o juiz mandou reintegrar a posse, "vamos tirar as pessoas de lá". A gente acabava planejando uma operação bastante arriscada, acabava conseguindo fazer, mas as sequelas eram muita gente machucada. E muita agitação, muito desgaste emocional, porque era muito agitado. Porque era um confronto muito muito... e como as cidades eram pequenas você acabava encontrando depois aquelas pessoas. Então, quer dizer, eu me lembro muito bem em Três Passos do Frei Sérgio, que ia nas manifestações fazer discursos, trabalhava lá e tal. Vereadores. E acabava a gente entrando em confronto com eles depois e acabava encontrando eles em outras situações. Então era tudo muito complicado. Então que mais funcionou na época foi as negociações. E outro componente que eu colocaria é que as negociações funcionavam, no meu entender, melhor quando havia esse conhecimento. Bom, o frei Sérgio de Três Passos e eu trabalhávamos lá, e a gente já se conhecia. Então essa negociação ficava... e como o pessoal de lá confiava nele, e o meu pessoal estava sob comando de ordens, então acabava... se eu disse pro meu pessoal "nós vamos sair, e eles vão passar por aqui", eles acreditavam. Até porque também os meus comandados conheciam aquela pessoal. Então ficava tudo mais fácil. Eu me lembro em Palmeiras das Missões o então deputado Adão Preto, pai do hoje deputado, então também... tinha uma confiabilidade dentro do pessoal, então havia um controle, então a gente consegui negociar com as lideranças, e as lideranças conseguiam manter. O que mais tarde eu acho que foi se dissolvendo um pouco. Tanto na polícia quanto nos movimentos. Acho que ficou mais difícil de controlar algumas questões policiais e ficou mais difícil de controlar. Também às vezes as lideranças diziam uma coisa, e o pessoal às vezes não seguia. Então acho que o que mais funcionava era mesmo a negociação na confiança, baseado na confiança. Às vezes falhava. Às vezes também nós tínhamos que dizer: "nós vamos fazer isso", mas fazia outra coisa. Então às vezes não tinha alternativa.

P - E na negociação era sempre essa ideia de buscar de lideranças? Porque uma das questões que se fala, principalmente em relação a movimentos mais recentes, é a questão da dificuldade de se negociar quando não se pode identificar uma liderança específica.

E - Sim, bem mais complicado. Eram duas coisas que eu coloco como base: uma era de eles mesmo confiarem na liderança, então a gente conseguir, até pela possibilidade física mesmo de negociar, porque às vezes você estava negociando com 10, 15 pessoas. E aí é muito confuso. Além da tensão de você estar ali, 10, 15 pessoas gritando, falando, insistindo, batendo. E aí fica muito confuso. Uma vez no Banco do Brasil em Palmeira foi assim. Nós conseguimos que entrassem 15 pessoas, nós negociamos com 10. Imagina você entrar para negociar com o pessoal administração do banco. Que eram 3 pessoas lá do Banco do Brasil. E nós ficaríamos ali para ajudar a negociar, mediar e tal e estabelecer a segurança, manter porque o pessoal do banco estava muito assustado. E eles acabaram entrando 15. E nessa mesa de 15 eles eram muito agitados. Então começavam a gritar, batiam na mesa. Então isso tudo era bem complicado. Então quando tinha uma ou duas lideranças ficava muito mais fácil. Mesmo na rua a gente conseguia conversar com eles num tom, eles ia lá na hora lá, a gente escutando. Falavam com o pessoal "nós combinamos tal coisa aqui", xingavam um pouco a gente para não ficar... e tal. E eles respeitavam às vezes. Então isso, no meu entender, melhorava. Era um meio que funcionava às vezes. Às vezes não surtia efeito. Mas pelo menos tinha... eles ouviam, e a gente também. Então havia ao menos uma tentativa. Às vezes eles diziam "não, não aceitamos essas condições e vamos continuar aqui" ou "vamos tentar invadir igual e tal". Bom, deu, mas pelo menos havia uma tentativa. Então a liderança era uma questão. E o outro fator era justamente essa confiança da liderança... do pessoal dos movimentos na liderança. Então havia uma liderança muito forte naquela região. O próprio Preto, o frei Sérgio Borges, o Mario Rosseto, vários outros ali que tinham uma liderança forte. Então eles diziam "pessoal, nós vamos fazer tal coisa aqui e tal, vamos subir no caminhão agora e tal". E o pessoal ficava reclamando, mas fazia aquilo. Então isso facilitava bastante. Isso era bem...

P - Para situar com essas situações... situações que eram mais tensas, as situações de confronto, situações que envolviam algum grau de violência dos grupos, como que era para vocês? Como é que vocês buscavam lidar com isso?

E - Nós procurávamos seguir a progressão. E é uma coisa interessante. Não sei se ocorre hoje. Como o nosso... eu vou tentar separar os problemas. Eu vou ver se eu vou lembrar tudo, mas eu acho que sim. Uma questão era você mobilizar recursos. Por exemplo, você precisava... você acabava tendo que ter um início de intimidação muito forte. Então você tinha que... às vezes nós mobilizávamos até recursos assim... um fuzil que ele existe só para formatura e outras coisas assim, e você não tem munição nele. Você só tem ele para fazer simbolicamente formaturas ou outras coisas assim. Você levava ele para intimidar. Aparecer um cara com um fuzil lá. Mas é um perigo, porque se você tivesse que usar era um... mas era uma tentativa de... evitar o confronto na base da intimidação. Então aparatos mesmo visual. E até chegar ao ponto... já peguei em alguns lugares que tinha que fazer uma intimidação mesmo apontando armas. E até chegar a um... e às vezes a gente tinha que... era muito triste isso para um policial... é bem... para lidar com isso psicologicamente não é muito... é muito difícil... às vezes você tinha que apontar a arma para alguém e dizer "não, vocês não vão fazer isso, isso não dá, não pode, para"... e daqui a pouco ter que ceder... "tá, eu disse que não", mas guarda a arma e dizer "não, eles vão entrar"... aí eles te provocavam. Bom, às vezes tinha que fazer isso. E rendia alguma coisa. Mas às vezes você saía com uma sensação muito ruim. "eu estou aqui

para evitar isso e não evitei". Então era às vezes... mas se não havia muita destruição de patrimônio e principalmente violência contra pessoa, a gente não ficava tão preocupado. Ficava um pouco ferido o orgulho, mas não era tanto. Mas às vezes havia. Destruição de cadeira, mesa e tal. E a gente ficava daí assim meio até... tentando dar satisfações. "Bom, vocês eram para cuidar disso e não cuidaram". Mas às vezes dava certo. Então era essa sensação. Por outro lado, eu tinha uma preocupação muito grande... e isso era geral... com o pessoal policial. Porque às vezes a gente notava... como o pessoal era treinado mais para um policiamento cotidiano... estar na rua em 2 ou 3 e ser obedecido... e controlar trânsito, outras coisas assim, ou atender coisas específicas... "bom, tem um assalto ali e nós estamos atendendo o assalto, correndo atrás do assaltante"... no momento esse a gente tinha que ter... às vezes a gente percebia... eu me deparei com isso às vezes... percebia policiais que atuavam bem em coisas específicas, mas ali no momento de tensão em grandes quantidades não... psicologicamente ficavam muito abalados. Eu tive uma vez um policial específico que eu verifiquei que ele estava muito abalado, agitado, ele queria atirar nos manifestantes... estava muito... e a agitação era grande... eles batiam com facão e foice, gritavam, estavam se aproximando, e nós estávamos em poucas pessoas, poucos policiais, pouquíssimos, 7 ou 8 assim, e eles estavam se aproximando e queriam se aproximar do banco. E eu vi que tinha um policial que apontava e abaixava a arma, e eu resolvi tirar ele dali, porque... e ele ficou um tempo nervoso, bravo comigo. Ficou muito abalado emocionalmente. Então a gente teve que ter um controle lá e cá. Então era bem... e nós mesmos. E mais tarde eu fui até estudar isso um pouco... isso é uma questão interessante, porque depois não havia nenhum resguardo ou um resgate dessa tensão. No outro dia você está trabalhando de novo. E aí a cidade está tranquila, mas você não está. Ontem você passou por uma situação de extrema tensão. Até empurrão levava assim, uma cospida, uma coisa assim. E no outro dia você está ali na rua e não tinha resolvido aquelas coisas. Aí está ali de novo lidando com coisas menores talvez, mas não tinha resolvido. Então era bem complicado. Havia essas duas facetas. O mais forte que chegamos foi tiros alguns, mas felizmente eu não cheguei a pegar diretamente... estive em ambiente que eu assisti, mas não cheguei a pegar diretamente nenhum confronto que gerou homicídio ou alguma coisa assim. Mas já estive em ambiente em que um colega de outros quartéis ou de outros comandados atirou e teve homicídio, alguma coisa assim. O clima fica muito tenso. E aí aquele... o que a gente chama de estresse pós-traumático fica... eu acho que às vezes fica anos... a pessoa fica elaborando aquilo.

P - Outra questão que às vezes aparece nessas situações é relação com outras instituições policiais. Eu trabalho às vezes... algumas pessoas que eu entrevistei trabalharam nas manifestações de 2013, 2014, principalmente falando da questão desses centros integrados de comando e controle, como então tem essa ideia de integração, de trabalhar com a polícia civil também, trabalhar com outras instituições. Nessas situações que você viveu como é que se dava a relação com outras instituições?

E - Isso melhorou muito. Muito muito muito. Bastante. Eu creio que aí as tecnologias tenham um baita impacto. Porque antes você tinha que... rádio com alcance de 100, 500 metros. Depende de onde você está, se tem algum um ou outro anteparo, uma nuvem, às vezes uma coisa que não deixa os rádios comunicarem, e aí você fica isolado. E aí você tem que agir, não tem... a rede acabou. Então hoje você tem Skype, tem... pode reunir com o comandante aqui em Porto Alegre. Está lá em Três Passos e pode fazer uma ligação de vídeo, uma multi-ligação de vídeo. Então isso melhorou muito, muito. Entre as instituições também melhorou muito no meu entender, embora ainda tenha muito o que avançar. Porque eu peguei situações por exemplo em que era cada uma operava no

seu campo. A desocupação da fazenda Santa Elmira, para se ter uma ideia: tinha agentes da Funai, que tratavam de questões indígenas, mas era o MST que estava lá. Tinha agentes da Polícia Federal de um setor específico que trabalhava com uma coisa de uma espécie de terrorismo. Mas tinha agentes também locais lá da Polícia Federal que eram mais integrados. E aí funciona uma coisa bem Durheimiana. Que é assim: a sociedade coesa. Onde é cidade pequena, há muita integração, porque são poucos policiais. Polícia Civil, Brigada Militar nos conhecemos todos. Mas os grandes centros, como Passo Fundo, Porto Alegre... já ocorre casos às vezes de você atingir alguns policiais que estão ali trabalhando junto ali, sem uniforme alguma coisa, e você não saber que eles são policiais. E até desacreditar. Sentem que a coisas está muito perigosa e dizem "sou policial". Até conseguir saber que tu é policial mesmo. Também mais complicado. Nas cidades menores era bem mais... a integração era maior, mas eu atribuo isso ao número e até ao conhecimento. A gente sabia quem era o policial civil, sabia quem era o delegado, quem era o comandante da tropa. Então era bem mais fácil de... mas nas cidades maiores, como Passo Fundo, Porto Alegre, Pelotas, Caxias, já é bem mais complicado. E ainda passa por problemas disso de sistemas de informações diferentes, protocolos de ação diferente, coisas assim. E ainda tem o problema que daí é das instituições, que é as vaidades. Uns querem fazer isso, outros querem fazer aquilo, uns querem fazer assim. Então às vezes... mas fazendo um histórico, melhorou. Todas as situações melhoraram. E aí acho que tem um componente grande das tecnologias, porque você consegue falar. Se quer falar com o comandante para tomar uma decisão mais ampla, você consegue. Você consegue... vê quem é que está do outro lado e mostra ali por telefone... e mostrar para ele, e ele me dizer: "pode agir, que vai dar certo"... ou "não, se você fizer isso daí vai pegar aqui"... Isso melhorou muito. E até porque você tem uma questão de responsabilidade. Muitas vezes acontecia de "essa decisão foge do meu alcance, envolve mais gente do que eu estou comandando". E aí você precisa falar com o comandante. Às vezes você não conseguia. Não tinha celular. Então às vezes você... "bom, agora eu preciso tomar uma decisão com base no que é minha experiência, do que é o meu cargo". Hoje você não tem isso. Quer dizer, você pode contatar os comandantes todos e conseguir... isso melhorou muito, melhorou bastante. Mas ainda tem problemas ainda, tem problemas ainda.

P - Uma outra questão que aparece é a questão também de uma relação com outros atores. Principalmente em relação à mídia e aos governos. Pensando também na tua experiência, como é que tu percebe nas relações com os movimentos sociais o impacto tanto de qual é o governo local, quando da cobertura da mídia. Porque tem, por exemplo, em relação à mídia sempre tem aquela questão de certo medo de qual vai ser a repercussão dessa ação.

E - Isso podemos dividir bastante no tempo também. Acho que aí tem uma quebra muito grande, uma virada muito grande, que é assim: até o ano 2000, vamos botar... você tem uma possibilidade de ter a mídia um pouco mais próxima assim... vamos usar a palavra mais próxima... mais controlada. "O que você vai publicar?" O repórter dependia... Carlos Wagner, o povo todo que ia muito no interior dependia de um troca muito sincera. "Eu deixo tu ficar aqui, mas eu quero saber o que tu vai publicar", e aí não tinha outra maneira de fazer isso. E aí tinha que fazer essas trocas, claro que às vezes tinha um pouco de "divulgou um pouco a mais do que eu disse, mas também aconteceram coisas que fugiram ao controle". E isso funcionava mais pessoalmente. De 2000, 2005 em diante, aí você tem os telefones, as câmeras de longo alcance, e aí a imprensa pode explorar isso de um ponto de vista melhor, mas também podia explorar isso de um ponto de vista muito tendencioso. Vamos dizer assim... tirou foto de um lugar e "boto a foto que eu quero". E isso tem

vários colegas que estudaram depois nos cursos da polícia vendo. Quer dizer, se você mostrar a cena inteira é uma coisa, mas se você mostrar a mão no coldre na pistola é outra. Se você mostra a cena inteira, é um caos e com uma pistola sem sacar. Mas se você mostra só a mão dele... e aí essa escolha ficava muito... e às vezes essa escolha nem era do repórter. Às vezes essa escolha era de alguém que estava ali e filmou e passou para a imprensa. O que acontece bastante. Então acho que tem uma virada bem mais difícil de se controlar. Portanto, desse ponto de vista de controle. A relação com a imprensa sempre foi boa nesses lugares que eu trabalhei. Em relação aos governos, aí sim era uma mudança grande. Porque aí, os governos ditos... se a gente usar essa divisão de esquerda e direita... uma grande diferença de... inclusive aí tem questões pessoais assim de... os governos de esquerda normalmente eles operavam com a ideia de... governos vamos pegar esquerda os governos do PT que teve no Rio Grande do Sul... eles operavam muito com uma ideia de responsabilizar, de cobrar das polícias um confrontamento e tal. Até que gerou muita polêmica, muito... uma revolta por alguns policiais e tal. Mas em compensação, quando a gente ia comandar, ficava às vezes um pouco mais fácil desse ponto de vista. Ficava um ponto de vista difícil você defender uma ação violenta. Dizer "bom, não teve jeito, tivemos que atirar". Fica difícil defender perante o governo. Mas em compensação, você não precisava ficar muito segurando o pessoal, contendo eles. Porque o governo mesmo fazia isso. Eu me lembro de uma pessoa específica... eu não vou dizer o nome, porque ainda está por aí... mas um Secretário de Segurança que eu presenciei num curso de iniciantes, gente entrando na polícia, e ele fazendo um discurso no centro de Porto Alegre dizendo que "agora é um novo tempo onde nós não precisamos ter medo de enfrentar a criminalidade, não precisamos ter medo de atirar em quem tem que atirar". E eu escutando aquilo e pensando "ele não via junto com a gente lá". E aí era um Secretário de Segurança dizendo isso e aí era bem complicado. Governo de centro direita ou centro esquerda... sei lá... já não era o governo do PT e nem de extrema direita. Mais centro... coisa assim. E ele dizia isso. E aí sim dificultava muito, porque o que eu penso disso... talvez alguns colegas discordem... mas a minha ideia é que nós policiais, pelo dia-a-dia, nós acostumamos a enfrentar essas situações e a usar arma. Então não precisa ninguém dizer "vai". Você vai. Inclusive vai às vezes sem condições. Eu estou aposentado e às vezes eu vejo alguma coisa acontecendo e eu penso... mas tenho vontade de ir. Mas não precisa. Precisa dizer o contrário: "calma, devagar, não vai isso, não faz aquilo, cuidado". Essa é uma ideia. Se você chega como autoridade, como governo e faz isso... os governos fazem isso e divulgam assim... "vai que nós vamos te apoiar e tal"... os policias mais novatos tendem a ser mais violentos, e o trabalho daí de quem comando fica mais difícil. Essa eu acho que é uma coisa bem marcada. Então trabalhar com pessoas assim... porque tem horas que você precisa usar muito a sua força como comandante para dizer "segure, não vão...". O pessoal diz "passaram dos limites, nós temos que ir, nós vamos perder a moral", e você tem que segurar. Se o governo começa a dizer "não, nós vamos garantir que você usem a força", quem é mais novo vai querer fazer isso. Então tem aí um componente de diferença dos governos... eu entendo bem marcado nos discursos dos governadores e dos Secretários de Segurança. Então a gente pega bem marcado... vamos pegar aí o discurso do José Paulo Bizol... os policiais ficavam com muita raiva, mas se continham. Quer dizer, claro que a gente pode pensar assim... tem vezes que é para se conter... que é para não se conter e se contiveram. Sim, pode ter acontecido. Mas para quem comandava o controle ficava mais facilitado. Em outros governos realmente havia um estímulo... e atualmente tenho certeza que há. Atualmente no governo federal a gente sabe disso. A ideia de... temos até atualmente planos de mudar a legítima defesa. Isso dificulta muito o trabalho, porque você começa a agitar o pessoal. Em

contrapartida, depois a gente via o pessoal responder na justiça por coisas que tinham sido estimulados a fazer. E às vezes ia ver assim “mas essa situação estava errada, você não agiu com legítima defesa”. Pois é, mas estimularam essas pessoas a fazer isso e agora... então a diferença de governo eu acho que... a imprensa eu vejo só essa mudança. A imprensa não é... eu acho que os repórteres agem de uma maneira muito como agiam antes. A diferença daí acho que é essa possibilidade. Por exemplo... e também eu acho que o componente da imprensa tem uma questão aí... os repórteres eu acho... teria que perguntar para um repórter... que eles tinham mais tempo para expor seus pontos de vista numa reportagem. Hoje... uma reportagem ganha e tal... e amanhã ninguém mais está falando desse assunto e está falando de outro. E talvez... deixa eu dar uma chutada nessa questão da imprensa... os repórteres já... o repórter aqui do central... Dornelles... ele diz isso... ele falava que é uma geração antiga lá... já está mudando muito. Então já tem um que de dizer “há uma mudança”. Mas acho que não é tão grande assim no meu entender. Aí acho que um repórter poderia te dizer do lado deles melhor. A relação da polícia com a imprensa continua relativamente boa até se pode chegar fazendo suas trocas, suas negociações, que não são lá prejudiciais para a sociedade. Acho que todo mundo ganha. E eu acho que a imprensa ganhou, com as tecnologias, muita agilidade, muita coisa, então dificulte um pouco pra polícia... porque tem que explicar algumas coisas que antes não explicavam e são explicáveis. Mas eu acho que, em geral, não mudou tanto assim. Então acho que tem esse componente que podem alguns usar... alguns não repórteres passar também material. Mas eu acho que não mudou tanto. Mas as questões dos governos sim variam bastante. Governos que estimulam a violência é muito mais difícil você trabalhar quando você tem que conter ela. Se pega uma manifestação aqui na Cidade Baixa, quando você pega um governo de esquerda é uma coisa. Pega um governo de direita, ressalvados todos os problemas que tem para usar esses termos, é outra coisa. É bem diferente. Pega ações determinadas na Orla do Guaíba... “vamos tomar tal decisão”... em outros governos era muito mais complicado. Então essa diferença de governo afeta bastante.

P - Agora já tentando articular um pouco mais o que a gente tratou na primeira entrevista com essa daqui. Tentando articular um pouco a questão do desenvolvimento das tecnologias com a questão do controle de movimentos sociais, eventos de protesto. Talvez você mais da sua avaliação do que de coisa que você viveu na prática, porque isso é mais relativo ao período mais recente, principalmente o período que eu estou vendo que é bastante interessante, que é o período de 2013 e 2014, que tem as manifestações de 2013 e tem a questão da Copa também, com a incorporação de algumas tecnologias, com todos os recursos que vieram em função da Copa. Eu queria que você dissesse... talvez seja uma avaliação tua de o que você vê como se dá a incorporação de tecnologias, pensando por exemplo na questão desse Cento Integrado de Comando e Controle, que tem as câmeras, também tem toda a relação com redes sociais para monitoramento de Facebook, enfim. Como você vê o impacto dessas tecnologias nessas relações?

E - Sim, aí eu posso dar eu acho que uma boa contribuição, porque eu... bom, em 2015 eu peguei ali os grandes eventos... a Copa, preparativos, trabalhei na Secretaria de Segurança e estava bem inteirado com isso. E depois eu continuei me comunicando e continuo com os colegas que trabalhavam em vários setores. Então a gente trocava muita ideia nisso e tal. Uma grande grande grande mudança. Podemos ver algumas categorias aí. Uma questão foi, junto à SENASP, a criação da secretaria... SESG, Secretaria Especial de Grandes Eventos. E deu um bom know how, que é esses eventos. Foram primeiro os Jogos Panamericanos. Depois veio Olimpíadas, Copa... isso aí gerou,

além de físicos, de equipamentos... escuta, equipamentos do Centro Integrado de Comando e Controle... o próprio trabalho... o pessoal aprendeu a trabalhar mais. E aí como eu disse tem um enorme impacto positivo. Claro que gerou uma frustração de um outro lado. Daí eu já explico isso. Mas a aquisição de material foi como eu nunca tinha visto antes. A gente levava por exemplo muito tempo para comprar colete. Não é uma coisa fácil de comprar, não tem muitos fornecedores, então... gerava muito tempo. E esses equipamentos começaram a chegar de uma maneira muito rápida. E... para ser utilizados de uma maneira muito efetiva. Quer dizer, está ali o caminhão que trabalha com... que estaciona ali e dentro monta uma central de operações num evento e consegue escutar, já moldar aqui e tal e já está em uso aí e tal. Isso eu acho que foi um tremendo impacto e facilitou um monte de coisa. Mobilização de pessoal, previsão, emprego de pessoal. "Tem que trazer gente lá do Partenon a cavalo para a Ipiranga porque tem uma manifestação aí". Isso facilitou muito. Se eu posso ver onde é que eles estão... os policias estão se deslocando... posso ver os manifestantes pelo satélite. O comandante da operação pode estar lá na Secretaria de Segurança junto com quem precisar e olhando tudo isso ao vivo, online. Isso mudou muito. Então as decisões podem ser muito mais qualificadas. Aí eu acho que reduz muito o emprego de violência, porque você pode planejar... "bom, estão aqui, mas tem a rua tal que eles podem se deslocar". Você está enxergando. Isso você tinha calcular que "eu sei que tem a rua tal. E se eu não sei... bom mas a rota está sem saída. Se for um carro para lá, se for muita gente vai trancar e eles vão confrontar de volta". Bom, você está enxergando isso tudo com o satélite. Isso mudou muito. Tinha um outro ponto de vista que depois talvez eu lembre uma mudança. Bom, a aquisição de material facilitou muito, o uso imediato dele, a Secretaria de Grandes Eventos, os próprios eventos começaram a mostrar coisas, começaram a se investigar tecnologias. Outro componente me lembrou agora, que é um tanto, que é a análise de redes sociais. Então você consegue hoje, com software de pesquisadores, você consegue entrar numa rede social e ver. Isso você tinha que fazer antes por telefone, pedir para alguém olhar. "Vá na empresa de ônibus e veja se locaram ônibus. Quantos ônibus foi". Para tentar calcular. Então "estava prevista uma manifestação com 2 mil pessoas no Centro de Porto Alegre em tal lugar". Você conseguia... você levava um tempo muito... e não saía um levantamento muito fiel. E você mobiliza gente às vezes pouco... recursos demais, recursos de menos. Aí gera problemas. Vão reunir 100 pessoas, e você tem um aparato lá de um monte de policiais: já é um problema, não dá certo. E até também o tipo de pessoal que você coloca. Você coloca um pessoal das Operações Especiais, e a manifestação é tão simplória que não comporta esse efetivo. Hoje você mobiliza rede social com 2, 3 softwares... você consegue ter quase certeza de que "são tantas pessoas que vão estar lá". E o central você consegue também ver assim... "reivindicando o que?" Que era um grande problema de alguns lugares. Você às vezes estava lidando com uma manifestação e você ficava pensando "mas o que que eles querem?" Para você negociar "o que que eu posso oferecer?" Mas às vezes eu não sabia o que eles estavam querendo. E hoje, com as redes sociais, isso mudou muito. Você consegue, livremente, se nenhum acesso reservado, um acesso público, você entra e o software te dá o centro... as palavras-chave de comunicações estão sendo "dia 31 vamos nos manifestar alguns contra a ideia da ditadura no lugar tal, e outros vão se manifestar a favor disso no lugar tal. Ok, você pode montar uma operação com uma certa tranquilidade. Você sabe que tem que mobilizar tal e tal isso e você tem que fazer isso. Isso as tecnologias facilitaram muito muito muito. E o caminho parece que está sendo mais ou menos. Está sendo bem usado e tal. Há algumas dificuldades às vezes na compra de software, alguma coisinha assim, alguma dificuldade. Mas facilitou muito, foi uma grande... os grandes eventos foi muito mais controlados. Eu não sei se os resultados foram tão

melhores, mas o trabalho pode ser... o planejamento muito mais sofisticado do que era. Você levava um tempo para conseguir... e às vezes errava feio. Você chegava lá e o pessoal “o ônibus é em outro lugar e não aqui”. E daqui pouco você tinha mil pessoas... um show... você tinha... nas redes sociais hoje você vê. Até para tomar ações imediatas. Você está lá com o satélite ali e tal e diz “é melhor fechar aquela rua lá o trânsito no início, desviar para lá”. Muito mais... facilitou bastante a tecnologia nesse sentido aí. E a comunicação dos policiais também. Facilitou. Hoje você pega o telefone e você tem comunicação com todos. O policial que está ali você pode ligar para ele e “fica aí, sai daí, entra em tal lugar”. Antes não tinha essa possibilidade. A gente acompanhava completamente isolado. Isso era um perigo. Você tinha gente às vezes que... está sem rádio, descia da viatura, entrava no local, acabou. Você não tinha mais contato com essas pessoas. Hoje não tem quem não tenha um celular. Então você consegue se comunicar com um celular, com dois celulares, com três, com imagens... tirar foto e dizer “Comandante, aqui está assim... a foto está aqui”. Pode o helicóptero ir por cima e fazer uma gravação, mandar para quem está lá o vídeo, você pode por telefone assistir aqui e dizer “vamos para lá”. Isso aí mudou muito, melhorou bastante.

P - Você consegue dizer o nome desses softwares que você falou de análise de redes?

E - Não consigo dizer. Talvez daí algum pessoal da área de inteligência. Eu trabalhei muito pouco nessa área. Trabalhei... mas em geral é o mesmo que eles usam para.. talvez eu tenha... se você depois me perguntar, mandar alguma mensagem, talvez eu possa vasculhar. Mas em geral é os mesmos usados para pesquisa social. Eu trabalhei um pouco com isso lá na Secretaria de Segurança só auxiliando às vezes as reuniões com os comerciantes, que também é complicado.

P - Você trabalhou nessa parte dos recursos.

E - Não. Eu trabalhei numa parte que era combate à corrupção, mas o chefe desse departamento de combate à corrupção ele acabava acumulando uma função de controlar esses... como ele entendia muito de sistemas... um delegados que trabalhou muito tempo com sistemas de informações mesmo... informações... onde eu vou olhar placa de carro, número de telefone... e isso mudou muito, porque o catálogo de celular é muito grande. Então eu acabava controlando e eu acabava ajudando ele a fazer esses compradores. “Está querendo comprar tal software. Esse software é eficiente ou não?” Aí eu lia... o colega da polícia que era expert em TI... aí eu ajudava eles ali às vezes nas negociações com as empresas, com essa questão de preço, confiabilidade. Porque em geral há um problema de as empresas às vezes fornecerem isso. Aí você ficava atrelado assim... “bom, isso é um contrato de 3 anos, 5 anos e tal”. Bom, e acabou o contrato. E o que tinha lá agora nós precisamos e está na mão da empresa. Ou estragou... a empresa cobra mais tanto. Então tinha que ter muito cuidado com essas questões. Até da confiabilidade. Até que ponto a empresa está vendendo isso para nós e não está fornecendo para outras pessoas também. Mas que melhorou muito ali. Posso até dar uma olhada nos nomes.

P - Essas empresas... eu falei um pouco sobre isso com alguns delegados da Polícia Civil... essas empresas... como é que elas chegam assim? Elas oferecem?

E - Licitação. Ocorre que... é que nem compra de aeronaves, que é bem complicado pro serviço público. Que é... às vezes eles acabam fazendo... como combustível. Acabam fazendo uma espécie de cartel ou uma espécie de combinação... “o fornecimento é tal, vai a empresa tal”. Então tem que... é sempre... bom, é o mercado. Não é fácil lidar com eles.

P - Tem uma questão que você chegou a tocar um pouco, mas não desenvolveu muito. Essa questão da limitação em relação à atualização, compra de software e tal. Que é uma coisa que às vezes me relatam é que algumas das tecnologias que foram compradas para a Copa, por exemplo, é muito difícil tu manter essas tecnologias operando, porque elas precisam de atualização de software. E o recurso da Copa chegou de uma vez, e agora como é que a gente faz para dar continuidade?

E - Sim. Isso acontece bastante de mais maneiras até. Um é a ideia de continuidade. Às vezes falta o recurso, e a empresa tinha um contrato de 5 anos. Terminou o contrato. Você pode ficar com aquele software que está lá, mas realmente aí tem a versão nova, desfazer os bugs aqui, que qualquer outra empresa de software tem. E às vezes você não tem recurso para comprar e vai ficar com aquela versão que vai falhando e daqui a pouco a empresa não fornece mais suporte para ela. Como qualquer outro software. E às vezes esbarra nessa questão de recurso mesmo. “Bom, não tem mais”. Uma é essa questão de renovar. E tem uma questão que está envolvida na negociação mesmo, porque às vezes... eu me lembro que havia alguns softwares lá que estavam disponíveis... até vou usar a figura de linguagem que o meu chefe usava lá... ele dizia assim “às vezes a gente tem um Boeing, mas um piloto de avião pequeno, privado”. Que a empresa não ofereceu treinamento para o pessoal. Então você tem uma... aquilo ali te oferece 10, 15 possibilidades, e você está usando duas. E ainda tem isso. Então nós temos sistemas que estão comprados, pagos, disponíveis, mas o pessoal não usa. Porque tem que treinar, tem que saber usar e tem que usar para melhorar o uso. E aí às vezes tinha uma outra questão... que às vezes um software.. eu vi isso, que era assim... software de georreferenciamento, que é muito eficiente para a Polícia Militar por exemplo... você pode montar um cerco, fechar rua, abrir rua olhando o software direto. Ocorre que tem muita rua que existe... na prática está lá e não estava mapeada. Daqui pouco você está lá e olha “e agora, onde é que a viatura está?” ela saiu do mapa e não tem no software. Aí tem que contratar outra empresa para mapear aquilo e fazer. Ai você começa contrato. Aí o contrato está aqui, aí você tem 5, 6 empresas trabalhando para complementar isso. Então às vezes para. Aí eu acho que esbarra muito na questão do recurso mesmo. E no convencimento do gestor. “Isso aqui é caro, caríssimo, mas o benefício é bom. Vamos testar”. Aí fica “nós vamos gastar isso, já estamos sem dinheiro”. Mas nós temos... deve estar em uso algum software aí que ainda se usa 10% da capacidade dele. Nós tínhamos um sistema que localizava números te telefone... nós conseguimos uma vez ter... um exemplo... baseado nesse software localizar em tempo um homem que tinha cometido violência doméstica. E o departamento que tratava disso estava na frente. E eles vieram e “vocês conseguem rastrear um telefone? Porque ele saiu agora, e a mulher está assustada e nós precisamos que alguém vá lá. E ninguém consegue achar ele. Terminou a medida protetiva”. E havia um software. Ele pensou... “podemos fazer isso? Tem o telefone celular dele? Aí tem nome, tem isso...” aí fomos lá... nome, telefone... com o celular nós conseguimos localizar as ligações que ele tinha feito... e aí conseguimos ver “se ele ligou pro fulano, pro ciclano, ele está nessa região aqui, porque as ligações dele estão nesse setor. Então ele está lá nesse bairro”. Aí o pessoal foi para esse bairro, e ele estava indo lá armado perto da casa da mulher. Então, quer dizer provavelmente iria fazer alguma coisa. Então era a ideia. Mas esse software quem sabia usar dessa maneira eram poucas pessoas. Que exigia daí um treinamento. Um outro componente aí, que eu pensei agora, que é uma coisa que eu particularmente sempre reclamei, que é a ideia de... aí talvez tenha a ver até com uma ideia mais profunda, uma ideologia mais antiga militar... que é a ideia assim... às vezes para obter a licença daquele software você tinha que fazer tanta coisa que você desistia. “Sou delegado lá de Livramento. Aí eu tenho que mandar uma foto, minha matrícula, coisa e tal. E aí eu ganho uma

licença por um mês. E aí no outro mês eu tenho que renovar isso e tenho que de novo". Aí dali a pouco você desistia daquilo, você mal aprendia a lidar com ele, que era tanta burocracia e tal. Que é uma coisa que eu reclamo até hoje quando você se aposenta. Você continua com ligações. Efetuei prisões, trabalhei em ocorrências que eu nem sei mais quem eram as pessoas. Às vezes as pessoas me procuram onde eu moro como policial. E aí você não tem mais acesso a nenhum desses sistemas. Aí esse é um problema também. Que às vezes também essa ideologia de que "vamos restringir o acesso"... tem um software super bom, mas quem tem acesso são 30, 40 policiais no Rio Grande do Sul. E aí um policial de ponta... vou te dar uma ideia disso... que é uma informação, mas eu acho que eu posso dar. Que é uma questão... escuta telefônica às vezes... eu não sei se ainda funciona assim, mas até 2014 estava assim... que era a ideia... um delegado lá de Livramento que está desenvolvendo um inquérito lá... que dentro da investigação tem uma escuta autorizada pelo juiz... está escutando o telefone de X... ele tinha que vir a Porto Alegre... ele pessoalmente... não podia ser nenhum agente dele. Então ele parava tudo o que ele estava fazendo das coisas, vir a Porto Alegre, para ele escutar em Porto Alegre isso. E se ele achasse alguma coisa "isso vai ser útil", ele tinha que fazer um pedido para poder transportar aquilo lá. E havia uma possibilidade de essa escuta ser feita e mandada para eles sem ceder, sem nada. Podia escutar... mandar o áudio online para ele. Então se tu quer ficar escutando do teu telefone aí que estão sob tua responsabilidade pode ficar. Você pode fazer isso aí. Então, quer dizer, cada vez que a ligação vai dar... então havia essas questões, eu acho que esses entraves. Essa questão de recurso e essa ideia que tem que ser desenvolvida que é quem tem acesso, que é bem complicado. Que tem muita gente também que usa para ver preço de carro, endereço e namorada, outras coisas assim. E tem até a possibilidade de ser usado dentro da polícia para crime e tal. Mas aí felizmente é uma minoria no Rio Grande do Sul. Eu trabalhei na corregedoria e dava para notar isso. Mas há uma ideologia de muita proteção a esses sistemas. Então às vezes você em um baita software, um monte de informações boas, pode ser muito bem usado, mas está muito restrito, você não consegue lá... eu mesmo quando estava no serviço administrativo... eu estava trabalhando no ensino e volta e meio era escalado para ser reserva na rua. Em grandes jogos, eleição, só que daí eu não tinha acesso, porque eu era servidor administrativo. Não tinha acesso ao sistema. Então eu tinha que pedir para alguém para fazer aquilo. Então isso em geral.. e daí aquele acesso ficava lá na matrícula da pessoa que acessou, e não minha. E aí isso tu gerava toda uma série às vezes de questões. Mas isso é uma questão bem ideológica, gerencial, de gestão. Mas que bom, no geral melhorou muito.

P - Isso seria uma certa burocratização desse...

E - Sim, mas uma burocratização baseada numa ideologia de que você "vai usar mal, então vou dificultar". Então muito restrito. Não precisava ser restrito. Então vamos punir quem fez mal uso e deixar... há muita reclamação por vários policiais disso. Isso um pouco melhorou com a SENASP também, porque ela começou, em âmbito nacional, a dar mais acesso a algumas coisas. Mas ainda é problemático isso aí.

P - Você chegou ali a falar em algum momento de como essas tecnologias ajudam a diminuir por exemplo situações de violência, confronto. E agora algo ligado a isso: como você vê o uso de tecnologias nessas situações de tensão e depredação. A gente via, por exemplo, ali em 2013 a época dos black blocs. Como você vê o uso das tecnologias para lidar com essas situações mais violentas por manifestantes.

E - O uso melhora muito para toda a sociedade. Vou pegar alguma pontas agora. Uma é você pode tomar estrategicamente como Polícia Militar... estrategicamente seguir algumas das diretrizes que você não conseguia. Por exemplo, uma das diretrizes que tem que é que se você vai usar a força para conter uma massa, muitos manifestantes... você tem que conter eles... "bom, eles não podem passar para cá, tem algum problema". Uma diretriz é que você nunca leva eles para ficar encurralados, porque a tendência é que encurralados eles vão se voltar contra você e você vai ser confronto... não vai conseguir conter eles. Ou vai ser muito... um confronto muito violento. Ocorre que se você não tiver um satélite ou possibilidades de filmagens de cima... hoje você levanta a mão aqui com o telefone e tira uma foto do panorama todo assim, filma "tem uma rua, ali tem um prédio. Dá para fazer isso, vamos escoar para lá". Isso não tinha. Sem tecnologia você não conseguia fazer isso. Aí você tinha que calcular de memória e aí dependia muito de onde você está. Se você está operando num lugar que você trabalha tudo bem, mas daqui a pouco o pessoal de operações especiais, que trabalha em todo o Rio Grande do Sul... chega em Charqueadas e está lá na periferia de Charqueadas e se depara com isso... a tecnologia melhorou. Você pode olhar o Google Maps, o Waze e planejar a sua ação. Fica muito mais eficiente e você usa menos a força. "Então está bom, vamos deixar eles saírem aqui, e eles vão para a rua tal". Ponto. Não há nenhum ponto de risco. "Fechar aqui e tentar induzir para que eles vão para aquele...". Isso hoje facilitou. Investigação facilitou bastante, porque... aqui em Porto Alegre aconteceu. Você tinha algumas pessoas se aproveitando de manifestações para assaltar lojas, vitrine... assaltavam especializadas em capacetes de moto e celulares. Aqui na Ipiranga aconteceu. Com câmeras você conseguiu distinguir... "essas pessoas não eram manifestantes. Eles eram outras pessoas". Dava para notar roupa, características e tal. Isso sem as tecnologias não se conseguiria. Isso aí entraria pra conta dos manifestantes. "Bom, a loja ali vai ficar no prejuízo..." e atribuir esse prejuízo... e a investigação ficaria prejudicada. Hoje você consegue enxergar câmeras. Pega ângulo daqui, ângulo dali, e você consegue distinguir o que foi feito por quem e atribuir responsabilidades. Até mesmo nas manifestações. Bom, "fizeram isso. Incendiaram um contêiner. Bom, é isso o que fizeram". "Essas pessoas aqui... foram lá e fizeram isso". Com câmeras você consegue fazer isso. Antes não havia essa possibilidade. Tanto na investigação quanto na ação mesmo, na hora ali.

P - Eu estou satisfeito. Não sei que tem alguma coisa que eu não perguntei...

E - Não. Em relação a tecnologias... eu faria uma sugestão agora falando... talvez só isso, porque há duas questões. Eu vou me lembrar da outra. Que é uma... há uma divisão bem grande, porque até 99 por exemplo, 97 começaram a ser comprados os primeiros computadores e desktops lá para vários lugares. Os celulares começaram a entrar depois. E ainda é uma quantidade pequena pra polícia. Ainda falta bastante. Então isso aí o impacto é bem grande. Bom, quando você tem um computador, um monte de coisa... você pode armazenar informações, pode lembrar de coisas que você tinha que encontrar antes físico e dependendo... imagens... policiais civis então para fazer buscas isso mudou horrores. Pega aqui na ocorrência, tira foto, manda pra delegacia, forma-se... ele tem o mandado... não tem identidade, não tem nenhum identificação dele, mas a foto dele está aqui. E os softwares hoje de identificação facilitam. Então mudou horrores. Uma dica que eu posso te dar, que talvez ajude, tem uma estudante que talvez tu já saiba... da UFRGS lá... da... está fazendo uma dissertação de Mestrado acho... de segurança pública ali... acho que é o Alex Niche que está orientando ela se não me engano... que ela está fazendo sobre Whatsapp... o uso do Whatsapp. Ela é policial militar, ela está trabalhando no Partenon. É Lara Brum o nome dela. Lara Pilar Brum. Ela

deve ser orientanda do Alex. Eu acho que é. Ela pediu até umas dicas de... eu me lembrei. Está usando o uso do Whatsapp no policiamento. Então pode ser que ela possa te dar uma informação. E como ela é policial mais nova, talvez seja uma boa interlocutora de pesquisa. Não tem como errar muito, porque ela é muito bonita. [...] Porque até onde eu trabalhei a gente não usava especificamente o Whatsapp. E hoje já estão usando. Tem o Whatsapp do quartel tal